

**EDUCAÇÃO EM CONTABILIDADE: ALGUNS ASPECTOS CRÍTICO-
SUGESTIVOS DO EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES -
ENADE/ 2006**

Antonio Carlos Ribeiro da Silva

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS-BA)

profacr@uol.com.br

Sônia Maria da Silva Gomes

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

songomes@ufba.br

Isac Pimentel Guimarães

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

isac_guimaraes@hotmail.com

RESUMO

O Ensino da Contabilidade no Brasil vem passando por consideráveis mudanças, porém a avaliação feita em 2006 pelo Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) reforça a necessidade de se repensar a eficiência das práticas pedagógicas dos Cursos de Ciências Contábeis. Com efeito, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o resultado do desempenho dos estudantes de Ciências Contábeis que foram submetidos ao ENADE/2006, além de buscar estabelecer uma discussão crítico-sugestivo para os referidos cursos. Para dar conta de atender o propósito da pesquisa, realizou-se uma investigação documental nos relatórios do ENADE/2006, bem como uma pesquisa bibliográfica referente ao Ensino da Contabilidade. Não obstante, os resultados da pesquisa apontam, através do perfil dos alunos, o pouco hábito pela leitura e pelo uso dos espaços das bibliotecas (35,6%), o que explica, significativamente, os 50% abaixo da média nacional sobre a análise das questões discursivas. No que se refere às questões objetivas de componente específico, os concluintes obtiveram bons resultados nas questões que envolviam conhecimento de Contabilidade Geral, mas apresentaram deficiência em Análise das Demonstrações Contábeis, Contabilidade Tributária e Auditoria.

Palavras-chave: Contabilidade. Ensino. Desempenho. Avaliação. Educação.

Área Temática: Educação e Pesquisa em Contabilidade

1 INTRODUÇÃO

O Ensino da Contabilidade no Brasil, ao longo de mais de uma década, vem passando por transformações importantes para sua adequação frente às exigências do mercado, que se encontra em uma constante dinâmica de mudanças permanentes. O novo profissional de contabilidade precisa ajustar-se a esse novo perfil que desponta no mundo do trabalho. Um perfil pautado em conhecimentos, competências e habilidades, assunto este já delineado pelas próprias Diretrizes Curriculares emanadas pelo Ministério da Educação.

Como forma de acompanhar o desempenho dos estudantes da graduação o Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) vem aplicando o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), o qual integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). O objetivo desse exame é aferir as habilidades acadêmicas e as competências profissionais desenvolvidas pelos seus estudantes ingressantes e concluintes das Instituições de Educação Superior (IES), bem como colher informações relativas às características sócio-econômicas a respeito dos estudantes selecionados através de procedimentos de amostragem.

Nesse sentido, ao analisar o ensino da contabilidade as atenções devem estar centradas na verificação de como as Instituições de Ensino Superior (IES) estão provendo, quantitativa e qualitativamente, os seus estudantes para que estejam realmente preparados ou em condições mínimas para o exercício da profissão que escolheram. Um dos instrumentos utilizado para essa análise são os resultados do ENADE.

Assim, por meio de seus indicadores dos ENADE é possível levantar algumas questões: que razões podem ter levado o curso de Ciências Contábeis a ter uma das médias mais baixas em relação a outros cursos que participaram, em 2006? De que forma esse exame contribui para a melhoria do ensino contábil? O que reflete para os cursos de Ciências Contábeis o resultado do ENADE? Que medidas poderão ser adotadas pelo Conselho Federal de Contabilidade, Ministério da Educação e das próprias IES, para melhoria do desempenho dos cursos?

A partir dos dados coletados do ENADE/2006, o presente trabalho tem o objetivo de analisar o resultado do desempenho dos estudantes de Ciências Contábeis que formam submetidos ao ENADE/2006, além de se buscar estabelecer uma discussão crítico-sugestivo para os cursos de Ciências Contábeis. Com isso, foi utilizada para o desenvolvimento do estudo uma metodologia de análise documental do relatório do ENADE/2006, bem como de uma pesquisa bibliográfica referente ao Ensino da Contabilidade, com o propósito de equacionar e sugerir mudanças para os problemas do Ensino da Contabilidade no Brasil.

Este artigo está dividido em cinco seções, além desta introdução que apresenta a contextualização do problema e os objetivos, tem-se: a segunda seção que faz uma revisão da literatura sobre o tema, a terceira seção descreve a metodologia utilizada na pesquisa empírica, a quarta apresenta à análise dos dados e por fim a quinta seção descreve-se as considerações finais sobre a pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Alguns Aspectos do Ensino Superior Contábil no Brasil

O Censo do Ensino Superior de 2006, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), apresenta alguns dados dos quais evidenciam

a expansão do Ensino Superior no Brasil Entre os dados mais expressivos está o grande crescimento nos cursos de educação a distância (EAD). De 2003 a 2006 houve um aumento de 571% em número de cursos e de 315% no número de matrículas. Em 2005, os alunos de EAD representavam 2,6% do universo dos estudantes. Já 2006 essa participação passou a ser de 4,4%.

A pesquisa aponta que, em relação à escolarização bruta, o país atingiu pela primeira vez o índice de 20,1% (4.883.852) de jovens entre 18 a 24 anos matriculados no Ensino Superior, do total de mais de 24 milhões de brasileiros nesta faixa etária. A Região Sul é a que apresenta o melhor índice por localidade, com 26% de seus jovens matriculados. O pior desempenho é da Região Nordeste, com apenas 11%.

O Brasil possuía, em 1998, matriculados nos Cursos de Graduação cerca de 2 milhões e 125 mil alunos e, por sua vez, os Cursos de Pós Graduação com cerca de 575 mil alunos, totalizando 2,7 milhões alunos, segundo a nova LDB denomina como *Educação Superior*¹.

Outro dado importante é o que identifica as denominadas instituições particulares como as responsáveis pelo provimento de 88% do total das matrículas em cursos de graduação, no Brasil, atualmente. As estatísticas apontam que os cursos no Brasil são concentrados no ensino noturno, 68%, uma característica de estudante trabalhador. Se a maioria das instituições é privada, os alunos são obrigados na sua grande parte a trabalharem para manter o pagamento das mensalidades, que mesmo assim o setor apresenta inadimplência de 35% em média nas instituições.

O Censo de Educação Superior (2006) revela outros dados interessantes, que corroboram com a necessidade, cada dia mais evidente, de regulamentar o ensino superior privado no País. Os dados reforçam a expansão desordenada do Ensino superior privado e o conseqüente déficit de qualidade em relação às Instituições pública, como prova as informações sobre a relação doutores/alunos nas públicas e nas privadas. No setor público 37,1% das IES são universidades, enquanto no setor privado o índice é de apenas 4,3%. Havendo um crescimento total de 6,6% no número de matrículas na graduação de 2005 para 2006 passando de 4.580.170 para 4.883.852.

Quanto ao ensino da contabilidade no país, segundo dados do INEP, 1091 cursos de Ciências Contábeis em 799 IES; aproximadamente 120.000 contadores registrados nos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs) e mais ou menos 260.000 técnicos em contabilidade. Os dados da Associação Nacional de Programa de Pós-graduação em Contabilidade (ANPCONT, 2006) apontam que o Brasil possui mais ou menos 1.513 mestres em contabilidade e mais ou menos 153 doutores. Dados são preocupantes para contribuição da melhoria dos cursos e do desenvolvimento de pesquisa, não se conseguiu ainda ter em média 2 mestres por curso no país. Uma deficiência considerável se comparado com outros cursos.

No que diz respeito a cursos de mestrados e doutorado, conforme Tabela 1, existem no Brasil aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) 12 cursos de mestrado acadêmico, 2 mestrado profissional e 2 cursos de doutorado, o que reforça a tese da necessidade de ampliação dos pesquisadores da área contábil do país, contribuindo assim para a melhoria efetiva da qualidade dos cursos.

¹ a nova LDB (Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996) em seu artigo 44 prevê que a expressão *Educação Superior* abrange os cursos seqüenciais, os de graduação, os de pós graduação (mestrado, doutorado, especialização e aperfeiçoamento) e os de extensão. Vide DORNAS, Roberto. Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Belo Horizonte: Modelo Editorial, 1997.86p.

<i>Cursos</i>	<i>Número</i>	<i>%</i>
Mestrado Acadêmico	12	75,0
Mestrado Profissional	2	12,5
Doutorado	2	12,5
Total	16	100,0

Quadro 1: Pós-graduação stricto sensu, mestrado e doutorado em Ciências Contábeis
Fonte: Portal CAPES, acesso em 10/04/2008

Recorda-se do princípio/regra constitucional insculpido no Artigo 205 da Constituição da República Federativa do Brasil - 1988, conforme o qual “a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

As estatísticas apresentadas e a norma maior suso transcrita, conduzem a reflexão sobre pontos críticos do Ensino da Contabilidade, tanto quantitativa quanto qualitativamente, isso em razão de novas perspectivas que se abrem para o bacharel de Ciências Contábeis, pois durante muito tempo, o papel do profissional da Contabilidade estava restrito a um mero registro porém a dinâmica socioeconômica, as transformações no mundo empresarial e na sociedade fizeram com que esse profissional reavaliasse as suas práticas, como salienta Figueiredo e Fabri (2000), reavaliar os seus objetivos numa perspectiva mais ampla. Assim sendo, a análise do desempenho dos estudantes de ciências contábeis do país, com o resultado do ENADE/2006, aponta caminhos que precisam ser trilhados para a melhoria da qualidade dos cursos.

O Ensino de Contabilidade vem passando por diversas mudanças, tanto no aspecto metodológico, quanto a maior profissionalização dos docentes e essas questões vem sendo já por algum tempo discutidas (IUDICÍBUS, 1983; MARION, 1983; FAVARIN, 1994; ROSA, 1999) e outros.

2.2 Considerações sobre o ENADE

A prova do ENADE representou uma amostra definida pelo INEP, de todos os estudantes do final do primeiro e do último ano do curso, durante o ano letivo de 2006. Independentemente da organização curricular adotada, foram considerados estudantes de último ano do curso aqueles que, até o dia 1º de agosto de 2006, tiveram concluído pelo menos 80% da carga horária mínima do currículo do curso ou aqueles que tinham condições acadêmicas de conclusão do curso de graduação durante o ano letivo de 2006.

Foi vedada a identificação nominal do resultado individual obtido pelo aluno examinado, que somente o interessado foi fornecido em documento específico, emitido pelo INEP do seu resultado. Aos estudantes de melhor desempenho no ENADE o Ministério da Educação concedeu estímulo, na forma de bolsa de estudos, em cursos de pós-graduação.

Assim, é válido ressaltar que o ENADE veio em substituição ao Provão², porém carregue alguns ranços do mesmo. O provão era usado por muitas instituições para apresentar o seu ranking à sociedade, bem como propagar que a mesma conseguiu conceito “A”. O que no ENADE o movimento sucedeu de forma idêntica onde as instituições privadas que representam a maioria no país usaram os resultados em suas estratégias publicitárias. Outra crítica sempre feita ao provão era a sua obrigatoriedade, no ENADE de acordo com a Lei dos SINAES, caso seja convocado, o estudante é obrigado a fazer o exame (Art. 5º, § 3º), devendo a Instituição de Ensino Superior inscrevê-lo sob pena de punição institucional (Art. 10º, § 2º).

Embora o resultado individual nominal não seja divulgado, a Lei do SINAES prevê a divulgação em separado dos resultados por instituição, permitindo dessa forma o "ranqueamento" das Instituições de Ensino Superior - IES (Art. 5º, § 9º). Ao invés de proceder à divulgação global dos resultados do processo de avaliação institucional, divulga-se em separado os resultados do ENADE justamente para permitir o "ranqueamento" feito por consultorias empresariais beneficiando apenas os interesses privados na educação. Quando a preocupação deveria ser pela qualidade da educação, em buscar alternativas para melhorias dos cursos, não se faz desta forma, utiliza-se da meritocracia para ativar através de reforço negativo com aqueles que não alcançaram com êxito do desempenho desejado.

A premiação proposta no ENADE vai à contra mão desta possibilidade desde quando premia os melhores, e como ficam aqueles que por questões adversas não atingiram o objetivo proposto pelo exame? A Lei do SINAES prevê a concessão de bolsas de estudos aos estudantes de "melhor desempenho" no ENADE (Art. 5º, § 10º). Quem recebe a bolsa não é o estudante que dela precisa para permanecer na faculdade ou universidade, mas aqueles que tiveram "melhor desempenho" no resultado do ENADE. Por não terem a bolsa, os estudantes que dela precisam são obrigados a trabalhar, não raro em período integral, isso quando não são obrigados a abandonar os estudos. E, trabalhando o dia inteiro, muitas vezes acabam não conseguindo estudar adequadamente. Por não conseguir estudar adequadamente, a possibilidade de se colocarem entre aqueles que têm os "melhores desempenhos" se reduz consideravelmente.

Antes de se identificar as propostas da avaliação do ENADE faz-se mister perceber que em função da subjetividade da avaliação e da dificuldade em minimizar as injustiças nos atos avaliativos, Alves (2004), comenta que os docimólogos³ sugerem meios que permitem aperfeiçoar as avaliações. Sendo assim, oferecem instrumentos de medida, cujo objetivo é a redução das variações entre as notas dadas pelos examinadores, tornando os objetos de avaliação mais confiáveis e válidos.

Dessa forma, o rigor docimológico contribuirá para amenizar os fatores subjetivos que são inerentes no processo avaliativo como salienta Alves (2004), que a avaliação, deve ser concebida como uma atividade de comparação entre a produção observada e o modelo de referência do avaliador inscrito nas suas estruturas cognitivas. Assim todo avaliador precisa desenvolver como parâmetro referências para que se evite avaliar tarefas e/ou atividades sem critérios pré-estabelecidos, pois não existe neutralidade nas ações avaliativas. Por isso Figari (1996) propõe que o referencial fornecerá num eventual corpo de hipóteses, que preveja a explicação dos resultados, uma vez que toda a avaliação necessita de uma norma preestabelecida.

² ENC – Exame Nacional de Cursos (provão) criado pelo governo federal por meio da lei 9.1312, de 1995, que segundo o MEC/INEP o mesmo foi concebido para avaliar o ensino de graduação ministrado pelas Instituições de Educação Superior – IES, tendo como objetivo maior contribuir para a melhoria da sua qualidade. Os conceitos eram atribuídos aos cursos em cinco faixas (A,B,C,D e E)

³ Docimólogos aqueles que estudam a ciência (logs) dos exames, ou da medida por exame (dakimê).

Assim sendo, a avaliação do ENADE compreendeu a busca por referenciais avaliativos e por critérios a serem observados compreendeu:

- O desempenho dos estudantes quanto aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares do respectivo curso de graduação;
- As habilidades para ajustamento às exigências decorrentes da evolução do conhecimento;
- As competências para compreender temas exteriores ao âmbito específico de sua profissão, ligados à realidade brasileira e mundial e outras áreas do conhecimento;
- O levantamento do perfil dos estudantes (instrumento específico);
- A avaliação do desempenho dos alunos de cada curso no ENADE no qual foi expressa por meio de conceitos, ordenados em uma escala com 5 (cinco) níveis, tomando por base padrões mínimos estabelecidos por especialistas das diferentes áreas do conhecimento.

2.2.1 Entendendo os Índices do ENADE

O ENADE usa dois conceitos para avaliar os cursos e as áreas de conhecimentos testados. O primeiro é o conceito ENADE que vai de 1 (um) a 5 (cinco), considerando o desempenho dos ingressantes e dos concluintes. O índice é uma soma de dois fatores: 25% vêm da nota dos ingressantes e 75% do desempenho dos concluintes.

A prova aplicada é a mesma para ambos os estudantes (ingressantes ou concluintes), porém o que muda são os dados válidos, ou seja, a média é calculada com 60% vindos da prova específica dos concluintes e 15% dos ingressantes e 25% o desempenho dos estudantes (concluintes e ingressantes), na formação geral. A essas três variáveis, que embasam o cálculo da nota final do curso, atribui-se os seguintes pesos: 60%, 15% e 25%. Assim sendo, o componente específico contribui com 75% da nota final e 25% se referem à formação geral. O segundo conceito é o IDD (Indicador de Diferença Entre os Desempenhos Observado e Esperado), que determina o quanto de conhecimento os cursos agregam aos alunos. Esse indicador também vai de 1 (um) a 5 (cinco).

Segundo o INEP, o ENADE compara o desempenho de estudantes do mesmo curso e com o mesmo perfil socioeconômico: é medido o desempenho de estudantes concluintes de uma instituição em relação aos resultados obtidos, em média, pelas demais instituições que tenham ingressantes com perfis semelhantes. Para isso, o IDD considera a trajetória do curso, traçando o índice varia, de modo geral, entre -3 e +3: assim, se um curso possui IDD positivo, como +1,4, isso significa que o desempenho médio dos concluintes desse curso está acima (1,4 unidades de desvios padrão) do valor médio esperado em uma linha de desempenho que o ingressante deve ter quando estiver concluindo o curso. Índice de 4 ou 5 representa que o desempenho foi acima do esperado; de 3 que foi igual ao projetado; e 1 e 2 inferiores ao esperado.

Além do desempenho médio do ingressante, também foram incluídas duas outras variáveis na estimação do valor esperado para o desempenho médio do concluinte: 1ª variável: a proporção de estudantes cujos pais têm nível superior de escolaridade; 2ª variável: a razão entre o número de estudantes concluintes e o de ingressantes.

3. Metodologia

Com o propósito de atingir o objetivo circunscrito nesta investigação, optou-se em desenvolver uma pesquisa descritiva, que na opinião de Barros e Lehfeld (2000) neste tipo de

pesquisa não há a interferência do pesquisador, isto é, ele descreve o objeto de pesquisa, buscando descobrir a frequência com que um objeto ocorre, sua natureza, característica, causas relações e conexões com outros fenômenos. O desenvolvimento da pesquisa deu-se em duas etapas. Na primeira etapa realizou-se um levantamento bibliográfico, a qual buscou atualizar os conhecimentos pertinentes ao objeto da pesquisa acerca do estado da arte. Na segunda etapa buscou-se identificar o desempenho dos estudantes de Ciências Contábeis que foram submetidos ao ENADE/2006. Dessa forma, adotou-se uma pesquisa documental, em que o método para levantamento de dados é a coleta de documentos de primeira ou segunda mão, assim sendo, foram analisados o relatório do ENADE/2006 para o curso de Ciências Contábeis, bem como se analisou a prova, o questionário da prova e o questionário sócio-econômico.

Em concordância com GIL (2002), adotar uma metodologia de pesquisa quantitativa significa traduzir em números as opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Tal metodologia requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas, como a porcentagem, moda, mediana, desvio-padrão, etc.

Neste estudo foi desenvolvida uma análise do relatório do ENADE/2006 para o curso de Ciências Contábeis elaborado pela comissão do INEP, sendo realizado assim pesquisa documental, que segundo SILVA (2006) os documentos precisam passar por uma análise tanto interna quanto externa. Na análise interna, deve-se fazer de maneira racional e objetiva. De maneira racional, é sensível a intuição do conjunto e fundamentada em maior logicidade. O caráter objetivo da análise dos documentos procura desenvolver um grau de imparcialidade, evitando preferências pessoais. A análise externa procura reconhecer o grau de veracidade do documento.

4. ANÁLISE CRÍTICO-SUGESTIVA DO ENADE/2006

De acordo com a Tabela 1 o resultado da prova do ENADE/2006 aponta que os concluintes obtiveram uma média superior em relação aos ingressantes, ou seja, os ingressantes com média 33,3 e os concluintes com média 37,4, lembrando que a amostra populacional dos ingressantes (23.907) foram maiores que os concluintes (19.040).

Tabela 1: Estatísticas Básicas da prova por grupo de estudantes

Estatísticas	Total	Ingressantes	Concluintes
População	73.514	44.016	29.498
Tamanho da amostra	49.818	29.125	20.693
Presentes	42.947	23.907	19.040
Média	34,9	33,3	37,4
Erro padrão da média	0,0	0,0	0,1
Desvio-Padrão	10,7	9,9	11,3
Nota mínima	0,0	0,0	0,0
Mediana	35,0	33,5	37,4
Nota Máxima	77,1	74,8	77,1

Fonte: MEC/INEP/DEAES – ENADE/2006

Dos concluintes, 62,1% concentraram-se nas faixas de notas superiores a 30,0 pontos e menores ou iguais a 50,0 pontos. Já entre os ingressantes, a maioria (65,9%) concentrou-se nas faixas de notas maiores que 20,0 pontos e menores ou iguais a 40,0 pontos. Dessa forma, cabe salientar que os estudantes durante a sua formação obtiveram aprendizado se comparado ingressantes e concluintes, mesmo que não tenha sido satisfatório para o desempenho profissional, pois a grande maioria concentrou-se o resultado em até 50,0 pontos

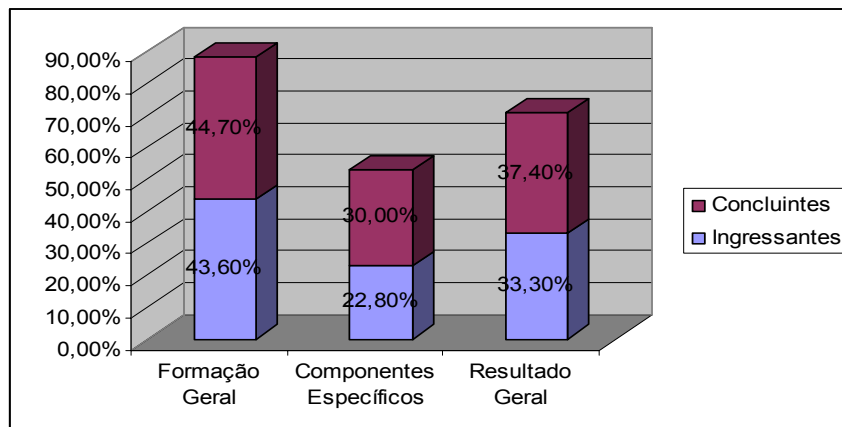


Gráfico 1: Desempenho dos Estudantes
 Fonte: MEC/INEP/DEAES – ENADE/2006

O Gráfico 1 apresenta o resultado do desempenho geral dos estudantes que participaram do exame em que obtiveram um resultado de formação geral para os ingressantes de 43,6% e os concluintes obtiveram em média nacional 44,7%. No domínio de conhecimento específico a média nacional foi de 30% para os concluintes e 22,80% para os ingressantes.

No caso dos ingressantes até pode se justificar esse resultado, porém para os concluintes obter uma média nacional de 30% equivale dizer que a maioria obteve erros de 70% dos conhecimentos específicos. Que conclusões pode-se extrair desta situação, desde quando os conhecimentos estão sendo compartilhados com os alunos nas IES? Que tipo de ensino está sendo ministrados e como anda o grau de exigência por parte dos professores, para que melhorias possam ocorrer no processo ensino aprendizagem?

No questionário sócio-econômico aplicado aos alunos mais de 40% afirmaram que os cursos deveriam exigir um pouco mais e os procedimentos de ensino não estão muito adequados com os objetivos do curso. Assim sendo, segundo Gil (1997,p.31), “à medida que a ênfase é colocada na aprendizagem, o principal papel do professor deixa de ser o de ensinar, e passa a ser o de ajudar o aluno a aprender”. Essa dinâmica precisa ser ampliada entre os docentes para que os alunos aumentem a sua responsabilidade com o ato de estudar.

No dia da aplicação da prova foi solicitado aos alunos que respondessem a um questionário intitulado “Impressões sobre a prova”. Segundo os ingressantes do curso de Ciências Contábeis, em relação ao grau de dificuldade da prova na parte geral, 42,8% considerou média, porém os resultados não corresponderam a essa percepção. Na parte específica 47% dos participantes acharam difícil, porém somente a média de 30% acertaram as questões.

Já para os concluintes, 51,8% acharam média a dificuldade da prova e na parte específica se somado entre médio e difícil tem-se 84,1% das respostas dos estudantes. A metade dos concluintes informou que os enunciados das questões da prova específica

compreensível (51,1%). Alguns alunos (41,6%) se posicionaram na prova ao respondê-la, que as abordagens dos assuntos estavam diferentes do que estavam habituados a responder.

Diante deste resultado e da percepção dos próprios alunos acerca do grau de dificuldade das provas, pode-se chegar a algumas considerações: a maioria das questões exigia interpretações e raciocínio lógico; os alunos que fazem opção por Ciências Contábeis a sua maioria são oriundos de escola pública ou parte dela no ensino médio (68%); os alunos utiliza raramente a biblioteca (35,6%) e com razoável frequência (29,5%); o hábito de leitura é pequeno, assim dificulta a argumentação no momento da escrita; a faixa de renda mensal da família do estudante de Ciências Contábeis está concentrado entre 3 a 5 salários mínimos (34,2%), isso implica em resultados diretos nos estudos, pois não tem condições de aquisição de livros, computadores, boa alimentação, que são fatores que interferem diretamente nos resultados do processo ensino aprendizagem. (RELATÓRIO INEP/ENADE,2006)

Em relação a escolaridade dos pais dos alunos de Ciências Contábeis que participaram do exame, verifica-se que para os ingressantes o pai tem uma escolaridade de Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série de 33,9%. Enquanto para os concluintes o pai tem Ensino Fundamental da 5ª a 8ª série (44,0%). Já a mãe dos ingressantes, tem em média nenhuma escolaridade (35,9%) e dos concluintes Ensino Fundamental da 1ª a 4ª série (35%).

Assim, o quadro de escolaridade dos pais reforça algumas variáveis que interferem no processo ensino-aprendizagem, pois esses estudantes não tiveram estímulo nem história familiar capaz de oportunizar às mesmas condições de desenvolvimento intelectual cognitivo, por isso então em desigualdade com aqueles alunos que tiveram uma história familiar de espaço de aprender privilegiado.

Segundo Marion (2006), os professores contribuem para a formação de vidas, comentando que Steve Pinker, cientista canadense e professor do MIT, mostrou que 50% das variações de personalidades têm causas genéticas. Não mais de 5% da personalidade de uma criança são determinadas pelo tipo de educação que ela recebeu, ou seja, pelos seus pais. O restante 45% vem de outras crianças (pares) e do meio em que ela vive.

Com efeito, o gráfico 2 evidencia que a maioria dos ingressantes ao curso considera-se cor parda (52,4%) e a concluinte cor branca (44,7%). Na discussão por cotas nas ações afirmativas o curso de Ciências Contábeis é caracterizado por estudantes afro-descendentes na sua maioria.

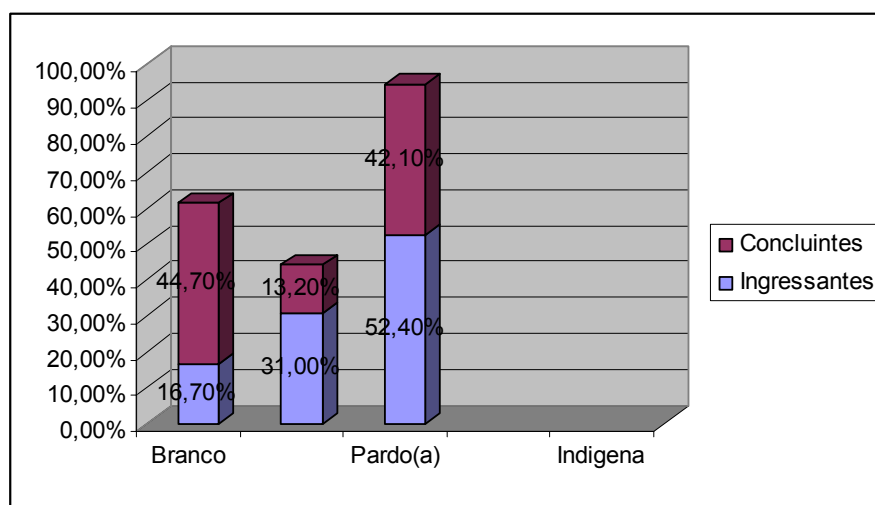


Gráfico 2: Cor dos estudantes

Fonte: MEC/INEP/DEAES – ENADE/2006

Ao analisar a prova do ENADE para o Curso de Ciências Contábeis verifica-se que nas questões de formação geral os estudantes demonstram dificuldades, destacando a resposta para questões 3 e 8 que obtiveram uma média de acerto respectivo de 71,8%; 78,9%. As questões discursivas em formação geral, os alunos obtiveram uma média abaixo de 50% , o que revela a necessidade dos cursos de ciências contábeis intensificar o hábito da escrita pelos alunos como evidenciado anteriormente, pois a geração do X , que no dizer de Freire (2001), a educação bancária, o ensino por memorização acaba prejudicando assim o aluno de criar o hábito de escrever e expressar o seu pensamento crítico.

Com relação às questões objetivas de componentes específicos, os ingressantes somente destacaram-se em duas questões (11 e 12) que abordavam assunto de contabilidade geral, obtendo em média 75,5% e 55,5 % respectivamente. As demais foram deficientes por conta da falta de domínio técnico de assuntos que estavam sendo tratados. Quanto aos concluintes as questões de formação geral que tiveram destaques obtiveram 59,3% e 75,0% de média de acertos das questões e as questões discursivas em Formação geral são menores de 50%.

Nas questões objetivas de componente específico os concluintes obtiveram bons resultados nas questões que envolvia conhecimento de Contabilidade Geral , tais como: 11,12 e 14. Uma deficiência maior estava em conteúdos de Análise das Demonstrações Contábeis, Contabilidade Tributária e Auditoria. Quando questões aparentemente fáceis, porém envolvendo, além de domínio teórico, raciocínio lógico para compreender o que foi perguntado, o número de erros aumentou, a exemplo da questão 13, onde somente 12,3% da média de acerto.

As questões discursivas de conteúdo específico 80% deixaram as questões em branco obtiveram menos de 50% de acertos e o número superior a este foi tão baixo que os respectivos percentuais não são representados, conforme tabela 2. Aconteceram constantes falhas de coerência e coesão textual, poucos argumentos, deficiências constantes em organizar as idéias para um texto discursivo. O que fundamenta a necessidade de ampliar a produção textual nos cursos, um volume maior de leitura para os alunos.

Tabela 2: Questões Discursivas de Componente Específicos por grupo de estudantes

Estatísticas	Total	Ingressantes	Concluintes
População	73.514	44.016	29.498
Tamanho da amostra	49.818	29.125	20.693
Presentes	42.947	23.907	19.040
Média	1,2	0,5	2,2
Erro padrão da média	0,0	0,0	0,0
Desvio-Padrão	3,3	2,0	4,4
Nota mínima	0,0	0,0	0,0
Mediana	0,0	0,0	0,0
Nota Máxima	100,0	53,8	100,0

Fonte: MEC/INEP/DEAES – ENADE/2006

4.1 Pontos Críticos no curso de Ciências Contábeis

O primeiro ponto crítico tem duas dimensões: há um evidente descompasso entre o aluno que faz opção pelo curso de Ciências Contábeis e o tratamento que recebe ao ingressar na IES; e existe uma grande defasagem na qualificação dos Docentes dos Cursos de Ciências Contábeis. No Brasil, não chega a 10% do total de professores que detém o título de Mestre em Contabilidade. Esta relação se compõe de maneira inadequada na medida em que, há apenas 12 cursos de mestrados em Contabilidade e 02 cursos de doutorado, se considerar a

natural ampliação do número total de Professores, com o crescente aumento de autorização dos cursos de Ciências Contábeis, a defasagem ainda manter-se-á por algum tempo.

Em trabalho apresentado no XIV Congresso Brasileiro de Contabilidade, Takakura (2006) já abordavam que algumas das lacunas existentes nas características dos docentes que atuavam nos Cursos de Ciências Contábeis eram: poucos professores em regime de tempo integral; poucos professores com titulação de mestrado; pouca produção científica; falta de experiência no magistério; professores sem cursos de metodologia de ensino; baixa remuneração e falta de incentivos à pesquisa.

O segundo ponto crítico tem fundamentos e desdobramentos, tais como: i) baixo índice de titulação dos Docentes implica em discutível qualificação para a pesquisa com qualidade e supõe deficiências de ordem didática e metodológica; ii) ainda que os Cursos de Ciências Contábeis devam estar desde janeiro de 2007 (prazo máximo concedido pela Resolução nº 4 do CES/CNE) cumprindo o novo Currículo com base nas novas diretrizes curriculares emanadas pelo MEC há muitos problemas a equacionar. Eles são, por exemplo: i) a equivocada inserção de disciplinas da área humanística sem contemplar nos primeiros semestres, disciplinas de conhecimento específico, em muitas matrizes curriculares; ii) a omissão, entre as disciplinas obrigatórias, de quatro estratégicas: a Iniciação à Pesquisa Contábil, sem cujo domínio enfraquece-se todo o ensino contábil ministrado como também a composição do Trabalho de Conclusão de Curso; a História do Pensamento Contábil, que permite ao estudioso da contabilidade adquirir os conhecimentos e desenvolver responsáveis questionamentos e contribuições sobre a história do pensamento contábil e suas doutrinas;

A Pesquisa Contábil, como todas as disciplinas ministradas, cria o hábito da reflexão como prática efetiva do exercício discente. A arte de Pensar deve fazer parte atuante de todas as atividades acadêmicas desenvolvidas; Projeto de Leitura itinerante em todas as disciplinas do curso de ciências contábeis, oportunizando aos discentes a produção textual, criação e recriação de textos e leituras na área específica de atuação.

O terceiro ponto crítico, diz respeito à má qualidade, quer de ordem metodológica quanto de conteúdo, de significativa parte dos Trabalhos de Conclusão de Curso e do relatório do Estágio Supervisionado. Este fenômeno é explicável pelo elevado índice de Professores sem, no mínimo, o Mestrado e, portanto, sem a formação básica à boa pesquisa e ao relato cientificamente adequado. Além disso, as Bibliotecas dos Cursos Ciências Contábeis, com algumas exceções, deixam a desejar. A rigor, uma boa biblioteca é aquela que concilia a universalidade de seus títulos (este é o adequado aspecto quantitativo, e não um número mínimo de obras) com a atualidade e a fácil operacionalidade do acesso ao seu acervo. Nesta mesma linha, é lamentável o pequeníssimo apoio que os órgãos oficiais de financiamento emprestam à publicação de livros e de periódicos vinculados à pesquisa contábil;

Enfim, e sem esgotar as mazelas existentes, ressalta-se a pouca ênfase que, de modo geral e com poucas exceções, o Ensino contábil tanto na Graduação quanto na Pós Graduação, confere ao estudo aprofundado da Ética geral e da Ética profissional. É preciso considerar também a observação de Marion (2006) em relação aos métodos tradicionais de ensino, os quais constituem-se em obstáculos para que os estudantes se tornem “pensador-críticos”, já que recebe tudo “mastigado”, para mudar esse cenário o aluno precisa ser o sujeito de sua própria aprendizagem.

4.2 Algumas sugestões para mudanças

Uma das metas que poderia contribuir para um novo repensar do ensino de contabilidade no nosso país seria a promoção permanente da formação docente, em constante atitude de ação, reflexão, ação. O Professor de Contabilidade precisa ser mais bem qualificado

nos aspectos didáticos e técnicos para que desempenhem com afinco as suas funções e possam deixar a atitude de professor exclusivamente aulistas, sem uma dedicação ao ensino, a pesquisa e a extensão, não realizando projetos e comprovando a indissociabilidade desses três pilares que sustentam e complementam entre si o Ensino Superior.

Dessa forma cabe ao CFC, através de suas Comissões especializadas, uma atuação cada vez mais voltada à apresentação de contributos efetivos ao melhor Ensino da Contabilidade, à mais adequada Pesquisa Contábil e às mais exitosas atividades de Extensão Universitária, atentando permanentemente para as realidades e peculiaridades regionais e locais.

Nestas linhas gerais, invoca-se a profundidade simples e genial de Aristóteles (1965) para lembrar que, sempre “nós somos pais das nossas ações, como o somos de nossos filhos... mas nós somos também filhos de nossas ações”. E pensando assim, precisa-se estruturar algumas medidas que proporcione uma melhoria na qualidade dos nossos cursos, tais como: i) cursos de nivelamento em conhecimentos lingüísticos e de matemática básica, bem como orientações sobre como organizar os estudos; ii) consoantes aos seus objetivos pedagógicos, às IES poderão elaborar no início de cada semestre um teste, que o denominamos aqui de TAA (Teste de Aferição de Aprendizagem), para realizar uma avaliação diagnóstica do aprendizado dos alunos do(s) semestre(s) anterior (es) e de posse do resultado desenvolver ações para corrigir possíveis deficiências de aprendizagem em dia ou até em projetos semi-presenciais com encontros para complementar ou reforçar conteúdos em que os aprendentes apresentaram dificuldades; iii) construir de forma coletiva (alunos, professores, direção) um currículo por competências, onde se deve oportunizar os conhecimentos, habilidades e atitudes, cumprindo os pilares da educação para o século XXI delineados pela Unesco: conhecer, saber fazer, saber viver junto e saber ser. Ensinar por competência nos livra das amarras do exclusivismo de conteúdos rígidos e nos oportuniza a trabalhar outras abordagens em nossas práticas cotidianas, pois o professor não ensina o que sabe, ensina o que ele é, sendo assim é fundamental entender que “aprender é para vida individual e, sobretudo coletiva, não apenas para competir”(LE BOTERF, 2005, p. 23).

Sugere-se que o professor de cada disciplina construa textos e atividades desafiadoras para os alunos da sua área de conhecimento. Construindo assim a perspectiva do professor pesquisador, pois de acordo com Demo (1996, p.15) “Professor é quem, tendo conquistado espaço acadêmico próprio por meio da produção, tem condições e bagagem para transmitir via ensino. Não se atribui a função de professor a alguém que não é basicamente pesquisador”. Procurar sempre associar os conhecimentos teóricos com possíveis aplicações no cotidiano profissional. As atividades avaliativas devem priorizar questões reflexivas em detrimento de questões memorísticas. Durante o semestre, as atividades pedagógicas devem ser combinadas entre os professores do semestre, priorizando dinâmicas como estudo de casos, resolução de problemas, dinâmicas de grupo e outras.

É interessante que nenhuma disciplina tenha somente um livro-texto de guia, e sim o aluno deve ser constantemente desafiado a desenvolver pesquisa e agregar novos conhecimentos através da partilha colaborativa entre os colegas. Deve-se incentivar a autonomia dos alunos, procurando com que cada um possa construir o seu itinerário de aprendizagem.

Dentro do processo de construção do conhecimento sempre surgem discussões, tornando o ambiente de aprendizagem com sabor, despertando o interesse do educando pela aventura do aprender, pois assumir uma abordagem curricular inovadora por certo é propor uma ruptura com os antigos paradigmas, ruptura essa em alguns momentos radicais, porém necessárias para um olhar diferenciado das atuais práticas predominantes no ensino superior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho objetivou de analisar o resultado do desempenho dos estudantes de Ciências Contábeis que foram submetidos ao ENADE/2006, além de buscar estabelecer uma discussão crítico-sugestiva para os referido curso. Assim, examinou-se os resultados obtidos da prova, do questionário sobre a impressão da prova e do questionário sócio-econômico, para conhecer melhor os estudantes do curso de Ciências Contábeis e assim perceber com os resultados apresentados a necessidade de mudança no ensino da contabilidade para que em outros momentos se tenha resultados mais satisfatórios, para um eficiente desempenho profissional.

Alguns resultados são bastante preocupantes e, dentre estes, pode-se destacar o baixo resultados dos estudantes nas questões discursivas, além de um desempenho insatisfatório nas questões de formação geral onde permitiu comparar com todos os participantes do processo (ingressantes e concluintes).

Um outro resultado que merece destaque refere-se ao fato de a maioria dos estudantes de Ciências Contábeis estarem matriculados em IES privadas e em cursos noturnos. Seria interessante que os cursos procurassem criar alternativas de incentivos para o aprendizado deste aluno trabalhador e estudante noturno, assim sendo os docentes e discentes deverão em sintonia construir espaços entre saber pensar e saber aprender, sempre conquistando a autonomia, dentro de processo permanente de inovação crítica e criativa. Como bem afirma Demo (2001, p. 51), “Aprender é, no seu âmago, saber fazer-se sujeito de história própria, individual e coletiva”.

É importante que os Cursos de Ciências Contábeis fortaleçam a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como os estágios e a participação em atividades de extensão que devem ser promovidas pela Instituição de Ensino Superior. É fundamental que o futuro profissional da contabilidade tenha conhecimentos balizados da teoria associado com uma prática efetiva interligada a boa capacidade de interpretações dos dados contábeis.

Assim, os cursos de Ciências Contábeis, além de trabalhar os conhecimentos específicos precisam levar ao discente a compreender que a ciência hoje exige uma nova visão de mundo, preferencialmente diferente e não fragmentado, pois a construção do conhecimento acontece num contexto dinâmico e não numa perspectiva fragmentada, estática.

O Ensino Superior, pautado pela transmissão de conhecimento, tem proporcionado pouca significação para os alunos, pois utiliza a memorização, que facilmente será esquecida, e o conhecimento supostamente ministrado fica fracionado, descontextualizado e sem valor para o aprendiz. São esses desafios que fará com que o curso de Ciências Contábeis tenha uma melhor performance no ENADE ou em outro método usado para avaliação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética**. Tradução de Cássio M. Fonseca. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965. 178p.

ALVES, Maria Palmira. **Currículo e Avaliação**. Porto: Porto editora, 2004

BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2000

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. 4^a. ed. São Paulo: Autores Associados, 2000

_____. **Saber Pensar**. 2^a ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.
(Guia da escola cidadã; v. 6)

_____. **Pesquisa Princípio científico e educativo**. 6^a ed. São Paulo: Cortez, 1996

DORNAS, Roberto. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Belo Horizonte: Modelo Editorial, 1997.86p.

FAVARIN, Antonio Marcos. Didática Aplicada ao Ensino da Contabilidade em Nível de 3º Grau. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis e Atuariais, PUC-SP, 1994

FIGARI, Gérard (1996). **Avaliar: Que Referencial?** Porto: Porto Editora

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

GIL, Antonio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. São Paulo: Atlas, 1997

IUDICÍBUS, Sérgio de. Currículo Básico do Contador. In: II Congresso Interamericano de Educadores da Área Contábil. São Paulo: USP, 1983.

LE BOTEF, Guy. **Construir as Competências Individuais e Colectivas**. Respostas a 80 Questões. Lisboa: edições Asa, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São paulo: Cortez, 1994

MARION, J. Carlos, MARION, Márcia M. Costa. **A importância da Pesquisa no Ensino da Contabilidade**. Rio de Janeiro: Revista Pensar Contábil, No. 3, 1998

_____. Metodologia do Ensino da Contabilidade. In: Revista Brasileira de Contabilidade, nº 44, março, 1983

_____. Metodologia de Ensino na área de negócios. São Paulo: Atlas, 2006

NEGRA, Carlos Alberto Serra. **Metodologia para o Ensino Contábil: O uso de artigos técnicos**. Rio Grande do Sul: Revista do CRCRS, mai/1999.

NETO, Mateus Antonio da Silva. **Concepções de Universidade: uma perspectiva fenomenológico-existencial hermenêutica**. São Paulo: Celma, 1999.

PACHECO, José Augusto. **Competências curriculares: As práticas ocultas nos discursos das reformas**. In: Revista de Estudos Curriculares, 2003, 59-77.

PILETTI, Nelson. **História da educação no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SÁ, Antonio Lopes de. **Diretrizes e Bases de uma Metodologia Geral no curso de Ciências Contábeis**. Revista do Conselho Regional de Minas Gerais, 2001.

SILVA, Antonio Carlos Ribeiro de. **Metodologia da pesquisa aplicada à Contabilidade**. 2ª edição. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Abordagem Curricular por competências: Um estudo exploratório nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Economia**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho – Portugal, 2006.

ROSA, Luciano. **As Transformações Contemporâneas da Contabilidade: reflexos na formação dos profissionais de graduação em Ciências Contábeis no Sul do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção. Florianópolis – UFSC, 1999.

TAKAKURA, P. **Ensino da Contabilidade**. In: Congresso Brasileiro de Contabilidade. XIV Anais. Goiânia: CFC, 2000.

FIGUEIREDO, Sandra; FABRI, Pedro Ernesto. **Gestão de Empresas Contábeis**. São Paulo: atlas, 2000.